

MARQUES, D.; MOREIRA, H.; SAMPAIO, T. (ORG.) – *Histórias da África e Ásia portuguesas*. Recife: EDUPE, 2020.

*Histórias da África e Ásia portuguesas. Religião, política e cultura* é uma coletânea editada por Deleides Marques, Harley Moreira e Thiago Sampaio e publicada pela Editora da Universidade de Pernambuco em 2020.

A publicação aborda a diversidade de experiências de missionários atuantes na África e na Ásia, sobretudo nos séculos XIX e XX, ainda que haja também um tema referente a uma época anterior, nomeadamente, aos séculos XVI e XVII. O livro consiste em «Apresentação» e nove capítulos, que se reúnem em torno de um tema da política e da cultura da política missionária nos países e regiões de língua oficial portuguesa. A publicação em questão é um excelente guia para analisar e compreender os sucessos e fracassos dos missionários nas sociedades não europeias. A partir destes trabalhos, percebe-se que a análise da missionação não necessariamente precisa ser realizada apenas no ramo da história da religião, mas também no âmbito da história cultural, etnografia, história da literatura colonial, dos meios de comunicação, ou de periódicos. A variedade de abordagens apresentadas pelos Autores nos permite ter uma visão mais ampla do que aconteceu nas antigas colônias portuguesas.

As antigas colônias portuguesas, de fato, são outro tema que merece a nossa atenção. Os Autores desta coletânea ressaltam a natureza profundamente heterogênea do espaço lusófono ao longo dos séculos. Revelam a multiplicidade de processos que ocorreram nos países da África e da Ásia na época quando foram dominados politicamente por Portugal. Tendo em vista as investigações apresentadas, observa-se que certas estruturas políticas e administrativas não podem ser definidas exclusivamente em um contexto territorial. As antigas colônias de língua portuguesa podem ser analisadas como um espaço subordinado à política colonial portuguesa, mas também como um «império da sombra», lembrando que muitos agentes sociais presentes naquelas zonas continuaram a se deslocar entre as duas. Ao se referir aos atores sociais, os Autores evocam não somente os próprios religiosos, considerados como agentes civilizadores ou mediadores, mas também representantes do poder colonial, jovens ativistas anticoloniais, elite intelectual africana, chefes africanos, catequistas nativos e líderes comunitários. O cruzamento e a interpenetração destas comunidades resultou em uma troca de ideias, de modo que este espaço não pode ser enxergado apenas como uma área de conflito e dominação, mas

também de negociação, pacto ou resistência.

A complexidade deste espaço também se deve ao fato, conforme apresentam os Autores, de que não se pode referir apenas a único e determinado espaço lusófono. Embora o idioma fosse suposto ser tanto uma ferramenta como um resultado da missão civilizadora, na prática, aquelas regiões não foram influenciadas somente pelo português. Os Autores ressaltam que os missionários de diferentes nacionalidades, sejam brasileira, americana ou suíça, moldaram a realidade colonial na África e na Ásia. A visão ibérica do mundo cristão confrontou-se com a visão africana, cujos representantes locais não ficaram indiferentes à política do colonizador. Assim, o espaço português abordado na publicação é justamente a área de coexistência de africanos, asiáticos e europeus. Vale ressaltar também que os impactos da presença missionária não desapareceram com o fim da colonização e a declaração de independência, mas se mantiveram sob diferentes condições, sendo muitas vezes sujeitos aos processos de africanização.

O rol das missões religiosas na formação de uma determinada região é o tema principal da coletânea em questão. A complexidade deste processo reside não só no fato de que diferentes missões católicas, batistas, espíritanas e inclusive «igrejas africanas» estavam operando naquela área, mas também porque seu desempenho e atuação variavam em períodos distintos. Não havia uma política propriamente definida. Aconteceu que os alguns missionários apoiaram o governo colonial, cumpriram seus dogmas e ensinaram português com a intenção de conseguir o apoio estatal. Em outros momentos eles advogaram contra o poder colonial, apoiaram mecanismos de pro-emancipação ou despertaram a consciência política e os princípios de autodeterminação entre as comunidades locais africanas. Importa salientar que a inclusão das religiões locais no discurso público não se deveu somente à sua bondade, mas à vontade de controlar a sociedade local e eliminar algumas práticas religiosas dos autóctones. Assim sendo, os Autores propõem fazer uma análise das relações não apenas entre os missionários e o poder colonial, mas também entre os missionários e as sociedades locais, além de comparar várias missões entre si. Portanto, cabe reconhecer a missão também no contexto de sua presença humanista, da participação social e do pluralismo religioso. Os próprios Autores levantam a seguinte questão: o que era o catolicismo e a religiosidade na África, até que ponto conseguiram preservar os dogmas tradicionais «europeus» e até que ponto foram «africanizados».

Uma outra questão importante levantada nesta coletânea é o que de fato

foi o projeto colonial e a missão civilizadora portuguesa, historicamente vista apenas no domínio do eurocentrismo e da superioridade da religião católica. A diversidade da natureza das missões religiosas numa área dominada pelos portugueses, ainda que sob a influência de diversos grupos sociais, nos permite encarar essa missionação também em termos políticos, culturais e sociais, como o próprio título *Histórias da África e Ásia portuguesas* indica. Em termos políticos, havia numerosas alianças e rupturas com o poder colonial, sendo que o trabalho dos missionários influenciava a visão de mundo dos jovens ativistas africanos. Na esfera cultural, surgiram numerosas atividades educacionais que resultaram na produção de novos saberes e no maior conhecimento etnográfico e etnohistórico visando a melhor compreensão das comunidades indígenas africanas. Tal atitude também influencia a formação de novos padrões sociais naquela região. A aproximação das sociedades locais africanas fazia parte da estratégia política e religiosa do colonizador, porque, ao que parece, ser distante do contexto africano levava ao fracasso da missionação. Percebe-se que, para que esta fosse bem-sucedida, era essencial estabelecer umas redes com a comunidade intelectual africana. Talvez o catolicismo só pudesse sobreviver enquanto «africanizado»?

A hibridização cultural é apenas um dos conceitos pós-coloniais que os Autores propõem aplicar ao analisar a história cultural e social das missões religiosas na África e na Ásia. Referem-se, de forma direta, ao relativismo cultural, à transculturação, à apropriação e ao sincretismo afro-católico. Fazem também uma referência, embora não diretamente, à concepção do «privilégio branco» em relação à supremacia da raça branca e a crença de branco ser benevolente. Esta publicação permite um diálogo entre a história com a antropologia, a etno-história, a educação, a cultura política, encorajando assim a releitura das fontes a esse respeito, o que resulta em um olhar mais profundo sobre as histórias conectadas e as histórias cruzadas.

O grande valor desta publicação são suas diversas fontes históricas e a literatura colonial, sendo estes provenientes de diferentes espaços lusófonos. Esta coletânea é uma importante fonte bibliográfica para os pesquisadores que lidam com os processos missionários na África e na Ásia. Os Autores incluíram tanto os documentos públicos, governamentais e de instituições privadas como os produzidos pelo próprios missionários, sem deixar de lado a imprensa daquela época, a literatura colonial e, inclusive, a história oral.

O último aspecto que importa destacar, que é, em meu entender, um dos valores mais importantes desta publicação é a metodologia aplicada, a qual

demonstra que é possível realizar estudos de descolonização com base nos materiais de origem produzidos pelos próprios europeus. Os Autores, estando plenamente cientes das limitações impostas aos documentos oficiais, vão além da abordagem eurocêntrica e chegam ao que é autêntico e local. Acontece que mesmo uma narrativa historiográfica oficial pode revelar um «olhar de/colonial».

Agata Bloch

(Instituto de História da Academia Polaca de Ciências / Universidade de Varsóvia)

agata.natalia.bloch@gmail.com